

EDUARDO RIBEIRO SANCHES DO VALLE

**Os Pensamentos Teóricos e as Influências
na Educação Física Escolar.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os Pensamentos Teóricos e as Influências
na Educação Física Escolar.

Monografia apresentada à disciplina
Seminário de Monografia II, como exigência
parcial para obtenção do título de licenciado
em Educação Física, sob orientação do Prof.
Dr. Paulo César Montagner.

UNICAMP

2002

SUMÁRIO:

RESUMO	06
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1: Um Breve Histórico da Educação Física	09
CAPÍTULO 2: As abordagens teóricas da educação física	21
2.1 – DAOLIO – Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980	21
2.2 – GRAÇA e OLIVEIRA – O Ensino dos Jogos Desportivos	26
2.3 – PAES – Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental	30
2.4 – KUNZ – Transformação Didático-Pedagógica do Esporte	33
2.5 – A influência destas teorias em algumas experiências praticadas na UNICAMP	37
CAPÍTULO 3: Algumas reflexões e interfaces teóricas existentes entre os autores discutidos	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
BIBLIOGRAFIA	52

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao Prof. Dr. Paulo César Montagner (Cesinha), que com sua enorme paciência me orientou do início ao fim neste trabalho.

Agradeço a Gláucia, que agüentou minha falta de tempo e atenção durante o momento de construção e formação deste trabalho e por me incentivar a termina-lo.

Agradeço aos meus amigos e colegas da faculdade que conviveram neste último ano comigo...

Agradeço ao Carlão que por três anos e o Osmar por dois anos de estágio, que me propiciaram vivenciar a prática de trabalhar com esta área tão cheia de “mistérios” e situações inusitadas no seu cotidiano.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e meus irmãos, que souberam aceitar minha opção pela educação Física e que sempre me incentivaram em tudo o que eu fiz antes, durante e que eu farei depois da graduação;

Dedico aos meus verdadeiros amigos que cultivei durante este tempo dentro e fora da faculdade;

Dedico a todos os profissionais da área que tenham vontade de valorizar a educação física escolar e torna-la um meio de se formar alunos críticos e com autonomia para terem uma melhor qualidade de vida depois de sair da escola.

RESUMO

Este estudo apresenta questionamentos sobre a educação física escolar, e procura advertir os profissionais da área para as dificuldades e os problemas atravessados por esta disciplina no ambiente escolar. Não podemos admitir que esta área, educação física, permaneça da maneira como está, mas sim, torná-la um meio bem-sucedido e equilibrado de desenvolvimento da criança ou aluno. Para isso, utilizamos diferentes autores que tratam do desenvolvimento da educação física no ambiente da escola, tendo o conteúdo esporte como centro das discussões e análises pedagógicas. A pesquisa é baseada em uma revisão bibliográfica, tendo como fonte o banco de dados ACERVUS, que possibilita a pesquisa por todas as bibliotecas da UNICAMP, tomando alguns autores principais como pontos norteadores para as discussões. Iniciamos com um breve relato histórico da educação física a partir da década de 30 até nossos dias, depois, as teorias propostas pelos autores sobre o ensino dos jogos desportivos, com suas visões e perspectivas para a educação física escolar. Em um terceiro momento, o estudo, apresenta uma análise das idéias, convergências e divergências, entre estes autores, fazendo assim, uma leitura de dados e os relacionando com autores que trazem abordagens vinculadas à educação física escolar. Por último, com o objetivo de construir reflexões sobre o modo como é vista a educação física escolar e, mais secundariamente, o Projeto Esporte na Escola e a questão da ação dos Amigos da Escola, além de trazer uma posição do autor do estudo sobre estas questões.

INTRODUÇÃO:

A educação física escolar é uma área de conhecimento, com conteúdos próprios e caracterizados por desenvolver o aluno, ou criança, de maneira completa, ou seja, desenvolver o corpo e a mente de forma integrada. Ela, também desenvolve características como o trabalho em grupo, a inclusão, a cooperação, entre outras. Tem sua forma fundamentada em anos de acontecimentos e passagens marcadas por diferentes pensamentos.

Por meio dos conteúdos da educação física, os alunos têm o direito de praticá-la igualmente, mas com suas expressões diferenciadas e respeitadas, e com grande contribuição para formar cidadãos críticos.

Um destes conteúdos trabalhados na educação física escolar vem sofrendo grande influência externa e de maneira equivocada pelos profissionais da área: o esporte. Esta influência externa ocorre através dos meios de comunicação, como esporte espetáculo, que visa o rendimento e, este esporte, muitas vezes é empregado de maneira repetitiva na educação física escolar, priorizando a técnica e os alunos com maior aptidão para praticá-los.

Este estudo busca atender vários questionamentos que surgiram ao longo do estágio escolar, onde uma abordagem equivocada do esporte dentro da educação física escolar trouxe a necessidade de procura de uma bibliografia, que explicitasse de maneira clara um melhor entendimento sobre seu papel nas aulas de educação física. Tem-se que os esportes podem ser desenvolvidos de diferentes formas e, juntamente, com outros conteúdos com os jogos.

Partindo do pressuposto da necessidade de compreensão do esporte, como conteúdo curricular na disciplina educação física, busco referências bibliográficas que tratam do assunto e interagem com o tema de estudo, além de trazerem a questão do ensino dos jogos desportivos como um meio mais pertinente de ensiná-lo no ambiente escolar.

A partir destas leituras, faremos uma análise e reflexão sobre a educação física escolar no Brasil, dando maior ênfase ao conteúdo esporte, levantando o desenvolvimento deste conteúdo dentro do ambiente escolar, principalmente na forma de jogos desportivos, buscando uma forma muito rica e pertinente para o desenvolvimento e melhoria das aulas.

Para este estudo utilizo uma pesquisa bibliográfica, com base nas fontes ACERVUS. Busco nesta pesquisa autores e suas obras que se relacionam com o tema em questão.

Este trabalho está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo, procuro situar a educação física escolar historicamente, a partir da década de 1930, data chave dos estudos com o objetivo de situar os acontecimentos. Para isto, utilizarei autores conceituados na área: SOARES, em seu livro Educação Física Raízes Europeias e Brasil uma Perspectiva Histórica e seu artigo intitulado Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade; BRACHT, em seu livro Educação Física e Aprendizagem Social; OLIVEIRA – O que é Educação Física? E BETTI em sua dissertação de mestrado – A Educação Física na Escola Brasileira de 1º e 2º Graus, no Período 1930-1986: uma abordagem social.

O segundo capítulo, no início, baseado no livro de DAOLIO - Educação Física Brasileira: Autores e atores da década de 1980, que se trata das diferentes perspectivas da educação física defendidas por autores conceituados dentro deste período.

Ainda neste capítulo, apresento resenhas de autores que observam a necessidade de bases teóricas para o desenvolvimento coerente do conteúdo esporte dentro e fora da escola. Trata-se, também, da relação com a educação física escolar e o esporte. Sendo assim, utilizaremos: PAES – Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental; GRAÇA e OLIVEIRA – O Ensino dos Jogos Desportivos; KUNZ – Transformação Didático Pedagógica do Esporte; MARQUES em sua monografia Sistematização do Ensino dos Esportes Coletivos para Crianças de 09 a 12 anos de Idade: o caso do Futsal; e LAGARES em sua monografia Futsal na Escola: uma proposta de ensino aplicada numa escola da rede municipal de Campinas. Estes dois últimos como relato de experiência influenciada pelos autores em questão. O objetivo neste momento é obter informações sobre o assunto de várias visões deste tema.

No terceiro capítulo, busco pontos de convergências e divergências através de uma análise crítica entre os autores permeando suas propostas e realizando uma apreciação em torno destas idéias com algumas abordagens da educação física vistas no início deste capítulo.

Nas considerações finais, trago reflexões sobre este conteúdo com embasamento teórico e opiniões pessoais. Busco fazer uma reflexão entre a teoria e a prática, ou seja, o discurso empregado nas faculdades de Educação Física e a prática dentro das escolas, além de levantar, secundariamente, questionamentos sobre o Projeto do Governo Federal ESPORTE na ESCOLA e o Programa AMIGOS da ESCOLA.

CAPÍTULO 1: Um Breve Histórico da Educação Física no Brasil:

DE 1930 A 1946:

Iniciamos este capítulo com a finalidade de “tentar”, desde já, tornar claro que a educação física escolar é uma realidade e não somente palavras bonitas. Para entender como ela se encontra atualmente, é necessário voltarmos um pouco em sua história e vermos quais processos e circunstâncias que levaram a educação física escolar ser o que é hoje.

A educação física, no Brasil, começa a receber uma atenção maior a partir da reforma na educação, de Francisco Campos, o qual era ministro da Educação e Saúde até o ano de 1932. Sua reforma tornou a educação física obrigatória em todas as classes do ensino secundário, que equivale hoje às séries de 5ª a 8ª do ensino fundamental e aos três anos do ensino médio.

Após esta reforma e da saída de Francisco Campos do ministério, assume Gustavo Capanema, que por sua vez também realizou uma reforma na educação e a educação física apareceu com destaque. Em 1937, surge a primeira constituição que faz referência a educação física, através do artigo 131 do ano de 1937, que tornou obrigatória sua presença, além do ensino cívico e trabalhos manuais nas escolas primárias e secundárias, impedindo o reconhecimento de qualquer escola que não atendesse as exigências imposta.

Durante todo este tempo, a educação física era tida como uma “prática educativa”, e não recebia a atenção dada às outras disciplinas, tendo seus textos legais separados das demais disciplinas, pois ainda não era considerada disciplina curricular.

A partir de 1938, o diretor do Departamento Nacional de Educação (DNE), vendo que a educação física era diminuída perante as demais disciplinas escolares, recomendou que os professores de educação física deveriam receber a mesma atenção dada aos demais professores de outras disciplinas já que estes profissionais possuíam os mesmos direitos e deveres dos demais professores. Entretanto, o diretor da Divisão de Educação Física (DEF), em 1939 deu um parecer não considerando a educação física uma disciplina, pois ela não possuía um objeto de ensino e era um assunto a parte.

Assim, a educação física passou ao longo do tempo, por inúmeras situações para ser ou não consideradas uma disciplina.

No ano de 1931, Francisco Campos emitiu uma Portaria de nº 70, que constava os programas do curso fundamental do ensino secundário e entre eles constava o da educação física. Esta Portaria trazia o programa e as diretrizes a serem seguidas e apresentavam as finalidades da educação física que eram...

“... proporcionar aos alunos o desenvolvimento harmônico do corpo e do espírito, concorrendo assim para formar um homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resolutivo, cômico do seu valor e das suas responsabilidades”. (apud Betti, 1988, pág. 72).

Nesta mesma Portaria, a educação física trazia seu valor biológico que é capaz de desenvolver o organismo e, juntamente, capaz de desenvolver qualidades morais como, persistência, independência, disciplina e solidariedade. Por isso, esta Portaria dizia que a educação física deveria se espelhar ao Centro de Educação Física do Exército, que tinha suas diretrizes baseadas no método ginástico francês.

A partir de então, a educação física passa, até os anos 60, a sofrer forte influência dos militares e do método ginástico francês.

Este método *“preconiza uma Educação Física orientada pelos princípios anátomo-fisiológicos, visando o desenvolvimento harmônico do corpo, e na idade adulta a manutenção e melhoria do funcionamento dos órgãos”.* (apud Betti, 1988, pág. 76).

O método francês foi traduzido no Brasil pelos militares e trazia seis propostas para o desenvolvimento do trabalho físico: jogos, flexionamentos, exercícios educativos, aplicações, esportes individuais e esportes coletivos.

“Jogo: é entendido como a regulamentação mais ou menos metódica, dos movimentos instintivos que todo ser vivo é levado a executar espontaneamente, (...)”.

“Flexionamentos: são movimentos com efeitos corretivos e localizados sobre cada articulação e os músculos que a comandam (...)”.

“Educativos: são sinergias musculares escolhidas como base de preparação para uma determinada aplicação (...)”.

“Aplicações: compreendem sete grupos de exercícios: marchar, trepar, saltar, levantar e transportar, correr, lançar, atacar e defender-se (...)”.

“Esportes Individuais: são entendidos como exercícios artificiais nos quais a dificuldade é progressiva e quase ilimitada, e exige qualidades físicas superiores, que podem ser desenvolvidas mediante um treinamento especial (...)”.

“Esportes Coletivos: além das qualidades físicas, exigem qualidades morais, pois a dificuldade a superar é mais de ordem moral”.

que material. São considerados como o coroamento da educação física (...). (Betti, 1988, pág. 78).

Ainda falando do método francês, ele possuía uma forma de ser aplicado aos alunos, isto é, ele deveria ser aplicado a grupos de pessoas com características fisiológicas e resultados das provas práticas parecidos. Em cada uma destas provas, havia um índice mínimo pré-estabelecido para que o indivíduo atingisse um grau superior.

Em 1929, o Ministério da Guerra, apresentou um projeto de lei que determinava algumas medidas como:

“... obrigatoriedade da Educação Física em todos os estabelecimentos de ensino, a partir dos 06 anos, para ambos os sexos; criação, no âmbito daquele Ministério, do Conselho Superior de Educação Física, com amplos poderes; criação da Escola Nacional Superior de educação Física; adoção em todo o país, do método francês; e designação de instrutores militares para as escolas públicas, enquanto não houvesse pessoal civil diplomado”. (Betti, 1988, pág 73).

Em 1939, foi fundada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Esta universidade foi estruturada de acordo com a Escola do Exército e seu primeiro diretor foi um major formado pela escola militar. Com isto, notamos que os militares buscavam, através da educação física, uma homogeneidade nas pessoas, ou seja, que todos fossem capazes de ter uma disciplina, todos possuíssem qualidades e destrezas desenvolvidas por atletas, pois as guerras modernas exigiam detalhes desenvolvidos nos esportes como a cooperação, a solidariedade, a coragem e o reconhecimento de um chefe (líder).

A partir da influência dos militares, na educação física, e de dados das fichas médica-biométricas, houve uma busca por uma melhoria e aperfeiçoamento da raça, ou seja, tornar os indivíduos fortes, disciplinados, entre outras, para que estes indivíduos estivessem preparados para defender o país de qualquer problema. Foi nesta época que surgiram os programas de desenvolvimento das atividades físicas das massas com o propósito de tentar definir a “morfologia do indivíduo brasileiro”.

A fragilidade do processo de eugenia foi logo levantado e alertou para uma confusão existente entre os termos Eugenia e Eutecnia. A eugenia age sobre a espécie em suas origens, promove a solução dos bem dotados, visa o melhoramento genético, das virtualidades inatas, etc. Já a eutecnia, constitui-se das medidas de ordem exterior, que agem como estímulo na

orientação do desenvolvimento das heranças biológicas, mas sem ter a capacidade de mudar ou inverter tais heranças.

Para Bracht (1992), a educação física inicia o processo de desmilitarização no final da década de 30 e início dos anos 40, mas este processo até hoje não atingiu índices satisfatórios, permanecendo a influência dos militares nas aulas de educação física e na sociedade.

Após o período do pós-segunda guerra mundial, o esporte teve um grande desenvolvimento quantitativo no mundo todo. No Brasil, devido a grande urbanização ocorrida, o maior acesso aos meios de comunicação de massa e ao desenvolvimento industrial, o esporte se difundiu rapidamente se tornando o principal elemento de atividades físicas praticado na época.

Na escola, o esporte não teve uma adaptação esperada, ou seja, ele entrou na instituição com suas regras, suas técnicas e não como uma prática que desenvolveria o aluno em um processo de aprendizagem.

O esporte não ajudou a desenvolver a educação física, mas sim a utilizou como argumento que o esporte é cultura, é educação para que com isso conseguissem ser inserido no contexto social, além de apoio e financiamento oficial.

DE 1946 A 1968:

Educadores da Escola Nova¹ voltam a influenciar com sua ideologia a formação da constituição de 1946. Reaparecem no cenário educacional, pois durante o Estado Novo, governo de Vargas, seus ideais tiveram pouco alcance dentro da sociedade brasileira por que a concepção que prevalecia, neste período, foi a tecnicista, ou seja, educação para formar uma mão-de-obra mais qualificada.

Nesta constituição ficou estabelecido que à União caberia legislar sobre as diretrizes da educação nacional, e aos estados caberia a organização de seus sistemas de ensino e, também, garantiu a educação como direito de todos e a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário (equivalente hoje, da 1ª a 4ª séries do ensino fundamental).

Poucos anos depois, surgiu uma nova reforma na educação elaborada por pensadores da Escola Nova e representantes da Escola Católica, que trazia duas discussões principais: a primeira ligada à centralização do ensino, isto é, ter currículos iguais para todas as séries dos

¹ AZEVEDO, Fernando. Citado por Betti em sua dissertação de mestrado.

ensinos primários, secundários e profissionalizantes; a segunda vinculada a liberdade de ensino, isto é, poder ensinar algo além das disciplinas “básicas”. Com isso, eles queriam defender os interesses das escolas privadas, as quais eram aliadas à Igreja.

Com o surgimento deste movimento para conter a expansão da escola pública, alguns educadores conservadores, profissionais de outras áreas, intelectuais e líderes sindicais, criaram um movimento chamado “Campanha em Defesa da Escola Pública”.

A partir destes dois movimentos foi elaborado um anteprojeto final na educação que se baseava nos direitos da família e a proteção à escola privada. Contudo, este projeto previa uma certa descentralização ao estabelecer um currículo não fixo e rígido como o anterior.

Essas reformas afetaram a educação física, pois o Ministro da Educação e Saúde alterou a estrutura do ministério, colocando várias divisões do Departamento Nacional de Educação (DNE) subordinado a ele, e deixando isolado as divisões de educação física e Educação Extra Escolar. Para piorar, neste mesmo período, surgiu uma Portaria do Ministério, que diminuía de três para duas as sessões semanais de educação física no ensino secundário e ainda reduziu o tempo de duração de cada sessão.

Em 1955, depois de muitos militares assumirem a Diretoria de Educação Física, um civil a assume com um discurso de tornar os requisitos legais da educação física algo executável e os objetivos educacionais propostos serem atingidos.

Ainda neste ano, em uma reunião dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, surge uma reivindicação quanto ao desenvolvimento da educação física no ensino médio, que seria a criação de centros especializados para prática e novos regulamentos para transformar a educação física em algo mais atraente e eficaz. Estes centros foram criados com o nome de “Centros de Educação Física”, como solução encontrada para tornar a técnica mais adequada e mais econômica para o problema da educação física.

Em 1956, através de nova Portaria Ministerial, foi consolidada a prática da educação física nos estabelecimentos de ensino secundário, tendo o tempo das sessões alterado para 50 minutos e seu número de sessões de volta a três vezes por semana. Também estipulou a suspensão das atividades escolares para a participação em competições esportivas e apresentações de educação física.

A educação física, em 1961, foi incluída como disciplina obrigatória na Lei de Diretrizes e Base (LDB), para os ensinos primário e médio até a idade de 18 anos. Esta medida consolidou de vez a entrada da educação física no sistema escolar brasileiro.

O MEC, através de Portaria no ano de 1967, conceituou a educação física como “um conjunto de ginástica, jogos, desportos, danças e recreação”, tendo como objetivo...

“... promover o desenvolvimento harmonioso do corpo e do espírito e, de modo especial, fortalecer a vontade, formar e disciplinar hábitos sadios, adquirir habilidades, equilibrar e conservar a saúde e incentivar o espírito de equipe de modo que seja alcançado o máximo de resistência orgânica e eficiência individual”. (apud Betti, 1988, pág. 102).

Dentro desta Portaria, ficou estipulado, que competições esportivas são atividades regulares da educação física, somente quando forem organizadas ou dirigidas pelo profissional da área.

A educação física no Brasil foi marcada por muitos questionamentos quanto às suas características, que iniciou com o conceito anátomo-fisiológico, o qual era baseado o método ginástico francês visto anteriormente.

A Diretoria de Educação Física (DEF) promoveu um concurso para contribuições nacionais para a educação física, e para isto houve um grande número de participantes propondo novos objetivos e características para ela. Em 1952, a Sociedade de Estudos dos Problemas da Educação Física, surgiu com uma obra que questionava o conceito presente e propunha um novo conceito, que era o bio-sócio-filosófico, isto é, a educação física deixaria de ser algo “mecânico”, repetitivo, preocupado com o desenvolvimento físico e passaria a ser algo preocupado tanto com a parte física, como com o convívio social e como o “pensar” aquilo que se faz. Esta obra teve uma grande influência da Escola Nova.

Com este discurso contra o conceito anátomo-fisiológico, muitos autores passam a criticar diretamente o método francês, base, até então, da educação física brasileira e sugeriam que não se utilizassem mais os exercícios relacionados a esse método, pois causava um grande desinteresse dos alunos pela prática da educação física e propõe que se insira com grande frequência atividades relacionadas aos jogos e jogos esportivos, já que as próprias crianças possuíam uma tendência em procurar este tipo de atividades.

Com estas críticas aos conceitos e atividades, e a proposta de utilizar os jogos e os esportes como meio de inclusão de alunos nas aulas de educação física, passa a ser atribuído ao esporte um papel importante.

O esporte surge como meio de formação de caráter através das competições, as quais estimulam a união, desenvolve a solidariedade, a lealdade entre outros aspectos entre os participantes. Além disso, o esporte tem a capacidade de unir indivíduos através de um objetivo comum e isto faz com que haja um fortalecimento da própria sociedade.

Com a influencia esportiva nas aulas de educação física, alguns autores começam a caracterizar o desenvolvimento destas aulas mostrando que elas podem propiciar saúde, com a melhoria das condições psico-morfo-fisiológicas; desenvolvimento intelectual, pois obriga o aluno a raciocinar; desenvolvimento moral, porque cria o hábito de superar as dificuldades; é adaptável a todas as idades e sexos; permite a execução de atividades motivantes e o professor é incentivado pelos resultados obtidos.

Com a esportivização da educação física brasileira, surge ao final da década de 60, o Método Desportivo Generalizado, difundido aqui pelo professor Augusto Listello. Este método tinha como característica incorporar o conteúdo esportivo aos métodos da educação física, com ênfase no aspecto lúdico. Este método possuía quatro objetivos: 1) iniciar nos diferentes esportes; 2) orientar para as especializações através do desenvolvimento e aperfeiçoamento das atitudes e gestos; 3) desenvolver o gosto pelo belo, pelo esforço e pela performance; 4) provocar necessidades de higiene².

Assim, o método desportivo generalizado, visava tornar a prática de atividades físicas mais prazerosas e que desenvolvesse o indivíduo como um todo. Para atingir esta prática, o jogo foi escolhido como um meio privilegiado, pois ele é mais agradável de se executar para os adolescentes, causa prazer e alegria, faz o aluno manifestar sua personalidade, descobre suas aptidões e gostos, exerce sua iniciativa e responsabilidades e trabalha cooperativa e coletivamente. Com isso, os indivíduos estarão preparados para a vida, que não deixa de ser um jogo, uma competição.

Dentro deste método, o esporte é o preferido e é considerada uma manifestação que não pode ser esquecida. Para Listello, o esporte seria primordial para o preenchimento das horas de lazer e, por isso, fez com que os educadores tivessem a obrigação de preparar os indivíduos para a prática. Assim, os educadores buscavam fazer o indivíduo compreender, conhecer e amar o jogo.

² LISTELLO, Augusto. Autor francês, que trouxe para o Brasil, O Método Desportivo Generalizado, e este método é citado por Betti em sua dissertação de mestrado.

Este método acredita que o esporte não é um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida. Esta educação física, ainda não tem como objetivo buscar indivíduos fisicamente bem dotados, entretanto busca oferecer oportunidade para educar melhor a todos, indiscriminadamente.

DE 1968 A 199...

O período é marcado pela ascensão do esporte e a inclusão da educação física e esporte na planificação estratégica do governo. Ocorreram mudanças na política educacional e na educação física escolar, que se subordinou ao sistema esportivo, e a expansão e sedimentação do sistema formador de recursos humanos para a educação física e o esporte.

Neste período o sistema educacional procurou adequar-se ao modelo econômico existente no país. Este sistema passou a dar mais atenção ao ensino superior alterando as preocupações existentes nos períodos anteriores, ou seja, no ensino secundário.

A partir deste momento, surgiu a crise universitária, a qual foi gerada pela busca da classe média em conseguir um diploma do ensino superior e pelos alunos formados pelo ensino profissionalizante, os quais também buscavam vagas na universidade.

Em 1969, a educação física, a educação moral e cívica, a educação artística e programas de saúde, passaram a ser obrigatórias nos ensinos primários e secundários, sendo que a educação física e a educação moral e cívica, também se tornaram obrigatórias no ensino superior, buscando um maior controle dos estudantes, já que este período foi caracterizado pela pior fase da ditadura militar.

Em 1971, a educação física escolar recebeu nova regulamentação, a qual apresentava que ela através de suas atividades, processos e técnicas, há um aprimoramento e desenvolvimento das forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando.

Nesta nova regulamentação, a educação física, teve seus objetivos fixados para cada um dos níveis de ensino, como para os ensinos primário e secundário, assim listados:

- *“consolidação de hábitos higiênicos;*
- *desenvolvimento corporal e mental harmônicos;*
- *melhoria da aptidão física;*
- *despertar o espírito comunitário;*
- *despertar a criatividade;*

- *despertar o ensino moral e cívico;*
- *emprego útil do tempo de lazer;*
- *perfeita sociabilidade;*
- *fortalecimento da vontade;*
- *aquisição de novas habilidades;*
- *estímulo às tendências de liderança;*
- *implantação de hábitos sadios”.*

(Betti, 1988, pág 116).

Esta regulamentação definiu aptidão física como referência fundamental para orientar o planejamento, controle e avaliação da educação física. Incluiu, também, a iniciação esportiva a partir da 5ª série do primeiro grau e estabeleceu o número de sessões na semana, o tempo de duração, a composição das turmas e o espaço útil.

No aspecto político a educação física obteve um papel importante na década de 70. Ao investir no nacionalismo para conter a oposição ao regime militar, o governo tinha a intenção de formar uma nação esportiva e aumentar o número de praticantes de atividades físicas.

O primeiro grau, com duração de oito anos foi instituído e tornado obrigatório. O segundo grau foi reduzido para três ou quatro anos. Um núcleo comum de matérias obrigatórias foi fixado, podendo se acrescentar matérias específicas. Esta lei tornou a educação física obrigatória no primeiro e segundo graus e a tratou como atividade prática, objetivando o desempenho técnico e físico do aluno.

Para isso, no ano de 1971, o sistema educacional educação física/esporte baseou-se em três aspectos:

“1 – o modelo tem por base o sistema educacional, com ênfase no ensino fundamental;

2 – o objetivo prioritário é a melhoria da aptidão física da população urbana como um todo;

3 – a organização desportiva comunitária – clubes, federações, constitui empreendimentos de livre iniciativa”. (Betti, 1988, pág 121).

É a partir daqui, que se inicia a formação do sistema piramidal para a educação física, que desenvolvia o desporto de massa, para o alcance de todos e como fonte geradora para o desporto de elite, voltado para competições nacionais e internacionais.

Também foi implantado o EPT (Esporte para Todos). Era sua finalidade permitir que a população pudesse praticar atividades esportivas adaptadas. Entendia-se que com a massificação dos esportes e com a revelação de talentos por parte da escola, surgiria uma elite esportiva que integraria as equipes olímpicas.

Para que a escola pudesse formar atletas, a Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED) do Ministério da Educação e Cultura criou o Clube Escolar. Nele, se ensinariam os esportes para a participação em competições. No Estado de São Paulo foram criadas as Turmas de Treinamento, visando a competição entre as escolas.

Estes Clubes Escolares era uma forma de garantir a formação de atletas para atender a demanda exigida para a prática de esportes de rendimento e principalmente os esportes olímpicos.

Porém, era preciso destacar a importância pedagógica da prática esportiva na escola. Assim, se argumentava que ela auxiliava na formação dos alunos, através de seus valores morais e físicos.

Bracht (1992) diferencia os tipos de esportes a serem trabalhados na escola, isto é, o ESPORTE DA ESCOLA, que trataria de desenvolver o esporte com regras, normas e situações diferentes àquela encontrada no esporte fora da escola. O esporte que foi para dentro da escola, foi o que possui regras, normas, rendimento atlético, comparação de rendimento e recordes, técnicas e sinônimo de vitória. Este esporte é tratado por Bracht como ESPORTE NA ESCOLA.

A educação física ajudou a desenvolver o esporte, pois a ela coube desenvolver a “base” para o esporte de rendimento. Segundo Bracht (1992) *“A escola é à base da pirâmide esportiva. É o local onde o talento esportivo vai ser descoberto”*.(pág 22).

Foi a partir da década de 80 que pode se perceber que o modelo desejado para a educação física não surtiu efeito. O país não se tornou uma potência olímpica e não foi relevante o aumento da população praticante de esportes.

Diante deste quadro, é inevitável o questionamento do discurso da educação física. Novas diretrizes para a sua dinâmica escolar são colocadas: a expansão para as quatro séries iniciais do primeiro grau, objetivando a motivação do aluno para a prática regular de atividades físicas e a implantação de atividades físicas para a pré-escola.

Tanto na pré-escola como nas quatro séries iniciais do primeiro grau a educação psicomotora prevaleceu. Ela se fundamentava em aspectos do crescimento e desenvolvimento

infantis, atuando nos aspectos afetivo, cognitivo e motor. Entretanto, a partir da 5ª série ainda predominava o esporte.

Outros fatores também influenciaram a mudança do discurso da educação física a partir da década de 80, segundo Betti (1988). À volta ao país dos primeiros brasileiros pós-graduados no exterior, trazendo novas idéias com bases científicas e reflexão teórica e propondo inovações metodológicas, a abertura de cursos de especialização e pós-graduação no Brasil, o aumento na circulação de publicações especializadas e o crescimento no número de congressos e simpósios. Também o processo de abertura democrática, enquanto facilitador da circulação de idéias, colaborou para os novos rumos da educação física brasileira.

Os profissionais da área desejavam a desvinculação do regime militar, da não predominância das ciências biológicas e que o esporte escolar fosse diferenciado do esporte de alto nível (Betti, 1988).

As pesquisas científicas foram valorizadas, trazendo novas informações, pois os professores perceberam que era necessário teorizar sobre a prática.

Uma nova identidade precisava ser buscada para a educação física: era necessário que ela também promovesse o desenvolvimento do espírito crítico, ajudando na transformação social.

Assim, os objetivos educacionais não poderiam mais se pautar nos fundamentos da aptidão física e da performance motora. Outros conteúdos, além do esporte, também deveriam ser trabalhados.

Soares (1997) diz que a década de 90 trouxe novas perspectivas para a educação física escolar, com diferentes tendências.

A Psicomotricidade ainda é muito trabalhada da pré-escola até a 4ª série do ensino fundamental. Cabe lembrar que os Parâmetros Curriculares Nacionais de educação física de 1ª a 4ª série, apesar de tentar contemplar as diferentes tendências, utiliza como seu principal parâmetro o trabalho psicomotor.

O desenvolvimento das habilidades motoras é o principal referencial da perspectiva desenvolvimentista. As habilidades básicas devem ser trabalhadas na pré-escola, as habilidades específicas nas quatro séries iniciais do ensino fundamental e as habilidades culturalmente determinadas, a partir da 5ª série do ensino fundamental. Para a perspectiva desenvolvimentista o desenvolvimento das habilidades motoras está relacionado com o desenvolvimento cognitivo e das relações sociais e afetivas.

A perspectiva crítico-superadora defende a idéia que também a educação física possui um campo de conhecimento, cuja transmissão deve acontecer na escola (Bracht, 1992). Para Soares (1996), a educação física escolar é um espaço onde devem acontecer o ensino e a aprendizagem de Ginástica, Dança, Jogos, Jogos Esportivos, Lutas e Capoeira. Para o Soares et al. (1992, p. 8) a educação física

“...busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas”.

Daolio (1996) discute a educação física numa perspectiva cultural, considerada como parte da cultura humana e a coloca como área de conhecimento, cujo objetivo é estudar e atuar sobre as práticas corporais criadas pela humanidade.

A nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação determina que a educação física é componente curricular obrigatório no ensino fundamental e médio (exceto nos cursos noturnos), devendo fazer parte da proposta pedagógica da escola e se ajustar às diversas faixas etárias e condições dos alunos.

Entretanto, tal obrigatoriedade, em muitos casos, não é obedecida. Como exemplo, podemos citar as quatro séries iniciais do ensino fundamental na Rede Pública do Estado de São Paulo. As aulas de educação física devem ser ministradas pelas próprias professoras de cada sala, sendo que elas alegam despreparo e a grande maioria utiliza estas aulas para outros componentes curriculares.

Também, o caso de muitas escolas particulares que a oferecem no ensino médio. Só que com um problema. Estas escolas ou dispensam os alunos por atestado médico ou firmam convênios com academias de ginástica e acabam encaminhando seus alunos para elas. Como o objetivo destas academias é diferente do objetivo educacional e não possui algum vínculo com o projeto pedagógico da escola, a formação destes alunos acaba ficando comprometida.

CAPÍTULO 2 – As Abordagens teóricas da Educação Física:

Iniciaremos este capítulo trazendo as abordagens feitas por alguns autores mais diretamente relacionados com a educação física escolar e as teorias que eles defendem como a desenvolvimentista, a humanista, a construtivista, crítico-superadora, a cultural, a sociológica, entre outras.

Após, traremos a visão e argumentação sobre as teorias propostas para o desenvolvimento do ensino dos jogos desportivos, ou seja, situações que proporcionam o melhor desenvolvimento do conteúdo esporte nas aulas de educação física.

Para isto, utilizaremos a obra de Daolio (1998)³ “Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980”, que aborda os principais personagens ligados a estas teorias citadas a cima. Daolio utiliza-se de entrevistas para saber sobre a abordagem de cada autor e, depois, traça perspectivas para uma futura discussão acadêmica.

Assim, temos:

2.1 – Autores relacionados às teorias da educação física.

MATSUDO, Victor: Mostra interesse pelo que chama de ciências da atividade física por dois motivos. O primeiro por desenvolver, juntamente com amigos, um trabalho com grupos de jovens da cidade de São Caetano do Sul. Não pode utilizar as escolas para este trabalho, então, criou as Olimpíadas Colegiais, que além de possuir eventos esportivos, também constava eventos culturais e artísticos. Com o crescimento destes jogos, Matsudo e seu grupo, foram fundamentais para a construção de centros esportivos na cidade, os quais passaram a sediar as escolinhas de esportes e até mesmo as aulas de educação física das escolas. O segundo motivo, foi o interesse pela pesquisa nas ciências da atividade física. Com isto e junto com seu grupo de amigos, fundou o CELAFISCS, pois possibilitaria que as pesquisas seriam feitas de forma independente, sem a influência do Estado. Ele afirmava que o CELAFISCS já pensava nos benefícios da atividade física para a manutenção e prevenção de doenças na população.

³ DAOLIO, Jocimar. Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980. Neste livro, Daolio utiliza-se de sua base científica nas ciências antropológicas e realiza entrevistas com os principais autores desta época.

MEDINA, João Paulo: Ao longo da década de 70, trabalhando na área, já percebia a pobreza de conhecimentos que embasava a educação física. Essa pobreza de conhecimentos gerou inquietações que fizeram com que ele buscasse referencial teórico nas ciências humanas. Ingressou no mestrado em filosofia da educação, onde tomou contato com um referencial teórico de origem marxista. Publicou o livro: “A educação física cuida do corpo e... “mente””, e ele afirma que este livro constitui-se numa síntese de uma coletividade, expressando as angústias dos profissionais de educação física. No início da década de 80, compunha o grupo dos progressistas, composto por pessoas que estavam descontentes com o quadro político do país e procuravam uma revisão da educação física que pudesse contribuir para uma mudança do panorama nacional. A intensificação dos debates, o aprofundamento de estudos na área e a conseqüente definição de linhas e tendências passaram a ser rotulados pela esquerda da educação física, que fazia isso de acordo com o perfil e a tendência defendida por cada profissional. Sempre teve claro que a dogmatização de tendências não seria útil para a área e, por isso, circulou pelos dois lados. Medina adota, hoje, para uma atuação pedagógica o que ele denomina de abordagem “crítico-humanista”, buscando a recuperação dos valores humanos.

OLIVEIRA, Victor Marinho: Em relação à construção do pensamento acadêmico da educação física brasileira, teve uma grande novidade, que foi a entrada em cena da questão ideológica. Mostra a luta da esquerda para conseguir um espaço para divulgar seus ideais e reconhece que ela teve que forçar a barra para chamar a atenção para o fundamento político da educação, refutando o tecnicismo e a falta de politização. Acredita que no debate acadêmico sempre houve espaço para os intelectuais que se dedicam aos aspectos técnicos da educação física e ressalta que nesta área houve grandes avanços nos últimos anos. Mas entende que a competência técnica não pode ser vista separada da competência política. A educação física traz parte das ciências sociais e a discussão não pode ser somente técnica. Oliveira afirma que esta discussão epistemológica rejeita o debate ideológico, levando à neutralidade e a uma outra forma de positivismo. Aliado a este fato, Oliveira critica o que chama de “doutorismo” na educação física, isto é, intelectuais da área buscando titulação exigida pelas universidades, tornaram-se grandes doutores com discursos complexos que muitas vezes não são entendidos pelo público que os assiste.

CASTELLANI, Lino F.: Destaca na sua história a constante vinculação com movimentos sindicais, partidos políticos, associações docentes, movimentos populares e o

fato de essa inserção sempre ter lhe colocado questões que ele não compreendia. Assim, buscou o mestrado na tentativa de compreender a realidade e a busca pela qualificação para sua transformação. Em 1992, juntamente com um grupo denominado COLETIVO DE AUTORES, definiu com contornos mais nítidos sua concepção de educação física. Este grupo desenvolve a abordagem crítico-superadora de educação física, que parte da concepção histórico-crítica, mas vai além dela, na medida que não privilegia somente o conhecimento, mas também a dinâmica curricular que permeia este conhecimento. Entende a educação física como disciplina pedagógica que tem como o objeto de estudo os temas pertencentes à cultura corporal, a qual é uma dimensão da cultura do homem e da mulher brasileiros. Acredita que a abordagem crítico-superadora foi a que mais desenvolveu a perspectiva de metodologia de ensino para a educação física. Castellani vê semelhanças entre esta abordagem com as demais, como a construtivista, a cultural, a sociológica e outras que utilizam ferramentas teóricas das ciências humanas para suas análises e proposições, apesar de elas se diferenciarem em termos e finalidades. Não consegue, entretanto, ver isto nas abordagens da aptidão física e na desenvolvimentista, que centram a discussão da educação física no âmbito das ciências biológicas. Em relação às perspectivas para o debate acadêmico, Castellani vê uma certa maturidade das pessoas envolvidas para gerar boas discussões a respeito da educação física.

TAFFAREL, Celt: Destaca como fundamental em sua história o contato com as obras de Marx em seu mestrado. Neste momento, constituiu com várias pessoas um grupo denominado de progressista, composto por pessoas que estavam lutando pela redemocratização do Brasil e que tentavam construir uma educação física que expressasse algo além do positivismo. Ela defende a possibilidade de existência de várias tendências na educação física e acha que isto já está delineando como fruto dos debates travados na década de 80. Acredita que as diferenças entre as perspectivas não devam ser tomadas como desigualdades, mas sim uma forma de gerar uma melhor comunicação na área superando as representações sociais equivocadas que se tem dos fatos, das necessidades e das referências históricas.

Go Tani: Foi para a área de aprendizagem motora, que possuía uma visão centrada na informação e no controle e não em energia, na qualidade em vez da quantidade de movimento. Começou a trabalhar na formação de professores de educação física e de pesquisadores na abordagem chamada de desenvolvimentista. Afirma que esta abordagem tem por suporte o paradigma sistêmico, cujo pressuposto é a idéia de que a única forma de o

indivíduo evoluir é quebrar a estabilidade e se desenvolver. Em relação ao debate travado na década de 80, percebeu um certo movimento no sentido de questionar o que havia na área de educação física. Reconhece que houve excessos nesse debate, devido às leituras erradas ou incompletas feitas por lideranças do movimento. Go Tani percebe que a educação física atual retomou seu caminho. As pessoas estão começando a ver que a pluralidade de opiniões e propostas é fundamental para a estruturação da área. Afirmar que após muito tempo em que as pessoas ficaram vendo pelas diferenças, começa a haver um processo de busca pelas semelhanças entre as propostas de educação física. Ainda, afirma que o centro da questão está na definição de uma estrutura comum para a educação física, que garanta sua especificidade, por meio da qual haja possibilidade de manifestar a diversidade na superfície. Ele ressalta a existência de várias abordagens de educação física, mas ressalta que quando elas chegarem a formar uma proposta concreta de educação física escolar, todas terão que considerar a abordagem desenvolvimentista, já que o conteúdo tem que estar relacionado com a capacidade do aluno aprender. Para ele, é a abordagem desenvolvimentista que pode garantir a especificidade da educação física. Vê semelhanças entre a abordagem que defende com a abordagem construtivista, cujo principal representante é o professor João Freire. Para Go Tani, é apenas uma questão do que se prioriza na questão da especificidade da educação física. Enquanto a abordagem desenvolvimentista enfatiza a aprendizagem do movimento, a construtivista enfatiza a aprendizagem através do movimento. Em relação à abordagem crítico-superadora, Go Tani alerta para a dificuldade de operacionalizar esta proposta. Segundo ele, quando esta abordagem discute a questão da aprendizagem da técnica de movimento, está se considerando ainda o paradigma mecanicista e não a técnica com um conhecimento que dá uma idéia da forma mais eficiente para alcançar um objetivo.

FREIRE, João Batista: Recusa o rótulo de construtivista que lhe é imputado, afirmando possuir uma visão de mundo coincidente com as teorias construtivistas, mas insistindo ser muito mais que isso. Afirmar que seu referencial teórico o distanciaria completamente de qualquer tendência comportamentalista, mas não divergiria radicalmente das tendências desenvolvimentista ou crítico-superadora. O ponto de convergência com a abordagem desenvolvimentista seria a consideração pelo desenvolvimento da criança, com a diferença de que o construtivismo propõe-se a trabalhar em níveis adiante do desenvolvimento atual da criança. Em relação às abordagens com fundamentação marxista (crítico-superadora), Freire vê semelhanças na idéia da contradição como estímulo à

aprendizagem e ao desenvolvimento do indivíduo. Entende também que, a prática escolar de educação física no país está muito deficiente, com aulas muito mal dadas e professores que não seguem qualquer abordagem. A saída, não só para a educação física, mas para a Educação, seria no sentido das pessoas aprenderem a dar aulas bem, tendo por trás dessas aulas compromissos morais, sociais, ideológicos.

Nota-se que a educação física possui inúmeras abordagens, muito bem apontados neste livro de DAOLIO (1998), para o seu desenvolvimento, mas há muitos pontos delicados entre elas, que seus autores ou aqueles que são influenciados por elas, muitas vezes, não procuram entender as demais para que possam completar suas tendências com as outras, mas sim só sabem criticar e encontrar defeitos nas demais abordagens.

Devemos procurar entendê-las, sabendo seus pontos positivos e negativos, para que elas nos auxiliem no desenvolvimento das aulas de educação física. Não é preciso utilizar apenas uma destas tendências, mas sim termos a competência de escolhermos e convergir suas idéias principais para um melhor entendimento e até mesmo a oportunidade de se criar novas abordagens.

Iniciaremos agora, a apresentação de algumas teorias sobre o ensino dos jogos desportivos. Estas teorias são muito utilizadas em estudos como base teórica muito concreta para novas propostas e até mesmo para desenvolvimento do conteúdo esporte na educação física escolar. São apresentadas três obras sobre este tema, sendo que as duas primeiras tratam do ensino dos jogos desportivos dentro ou fora do ambiente escolar, sendo facilmente empregadas nas aulas de educação física e a última, *Transformação Didático-pedagógica do esporte* de KUNZ, é voltada mais para o desenvolvimento do esporte como conteúdo da educação física escolar.

2.2 – GRAÇA e OLIVEIRA

Iniciaremos com os autores GRAÇA e OLIVEIRA em sua obra *O Ensino dos Jogos Desportivos* publicada em 1995, pela Universidade do Porto.

Devido à diversidade e a inúmeras situações proporcionadas pelos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), é notório o desenvolvimento de competências em vários planos, principalmente o tático-cognitivo, o técnico e o sócio-afetivo, quando são corretamente orientados.

São duas as competências mais marcantes neste tipo de jogos desportivos:

- 1- **Cooperação:** existe a necessidade de participação coletiva para vencer a equipe opositora, tendo como cooperação, neste sentido, o modo de comunicação entre os membros das equipes, sinais e referências comuns, onde está presente a individualidade, mas tal individualidade é necessariamente voltada para a conclusão em equipe, da tarefa proposta.
- 2- **Inteligência:** através da noção de adaptabilidade, onde requer do jogador a presença de espírito *para elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados em situações aleatórias e diversificada que ocorrem no jogo* (pág.12).

De acordo com Gréhaine &Guillon (1992) temos três grandes categorias de sub problemas:

- 1- no plano espacial e temporal
 - _ no ataque: utilização da bola individualmente e coletivamente para ultrapassar os adversários
 - _ na defesa: utilização de obstáculos para parar o avanço da bola e dos adversários para parar o ataque.
- 2- No plano da informação: problemas ligados na certeza ou incerteza para os adversários da equipe, propostas pelos companheiros de equipe que está com a bola.
- 3- No plano da Organização: trabalhar o melhor de si para a equipe, isto é integrando o individual ao coletivo.

Os JDC são atividades ricas em situações imprevistas às quais o indivíduo que joga tem que responder (pág. 12). Portanto, os jogos desportivos coletivos, não buscam as competências individuais somente, eles buscam também a interligação destas competências dentro da equipe, através de um inter-relacionamento cooperativo respeitando-se, principalmente à dimensão tático-cognitiva.

Neste tipo de esporte são freqüentes as idéias baseadas no cooperativismo, onde a necessidade individual de sucesso fica estreitamente ligada ao conceito de coletivo, todavia este conceito baseia-se no conhecimento que cada membro da equipe tem do jogo, assim o conhecimento de equipe, necessariamente passa pelo conhecimento do jogo, das regras e da forma como a equipe trabalha em conjunto.

O desenvolvimento das diferentes modalidades desportivas tem sido influenciado por diferentes correntes de pensamentos e pelos conhecimentos provenientes de múltiplas disciplinas científicas.(pág. 13).

Não se pode pensar em equipe sem o preparo físico, teórico, tático-técnico dos jogos, que prevê um desenvolvimento pessoal impecável para que a soma de todos os desenvolvimentos pessoal resulte em uma equipe coesa e forte.

Nos anos 60, o preparo para tais jogos era definido por ações pré-estipuladas, por jogadas ensaiadas, ou seja, buscava-se a técnica do jogo em detrimento ao conhecimento do jogo propriamente dito.

Na década de 90, apresenta-se dividida em fases quase iguais: primeiro um treino de aquecimento sem bola, depois o treinamento corpo a corpo, onde se abordam as técnicas para bloqueios e ataques e por fim o treino com bola, onde se procura dentro do jogo utilizar-se dos momentos anteriores.

Tanto em um quanto em outro se mostra desvinculado o modo de fazer (técnica) das razões de se fazer (tática).

Esta forma de treinamento demonstrou que, a partir do ensino aprendizagem do jogo, esquece-se à noção de equipe, ao que Leon Teodorescu e Claude Bayer rebateram com a introdução de noção de equipe como eixo central do processo de ensino/aprendizagem para tais práticas.

A equipa passa então a ser entendida como um microssistema social complexo e dinâmico (Teodorescu, 1984), representando algo qualitativamente novo, cujo valor global não pode ser traduzido pelo somatório de valores individuais, mas por uma nova dimensão que emerge da interacção que ocorre ao nível dos seus elementos constituintes.(pág. 15).

Existem dois tipos básicos de atitudes em relação aos JDC, a primeira que tem como princípio que cada JDC tem uma especificidade única e seu treinamento depende, portanto desta especificidade, embora existam jogos semelhantes como vemos no basquetebol, handebol e futebol; nestes casos podemos utilizar regras semelhantes para o desenvolvimento dos jogos.

Na escola é preciso desenvolver um ensino coerente em virtude destas diferenças e para isto Bayer e Cecchini propõe a prática transferível, aonde através de prática multiforme se chega a uma prática específica. Não se debate neste caso a especificidade de cada jogo,

mas as partes comuns existentes entre eles para a melhoria de um jogo específico e, assim é comum a assimilação de determinados critérios comuns encontrados nos planos gerais, no caso dos três jogos citados podemos distinguir, de acordo com Crevoisier, Garganta & Soares:

- “No plano energético- funcional: são jogos que fazem apelos a esforços intermitentes, mistos alternados (aeróbico- anaeróbico) e podem ser considerados actividades de resistência, em regime de velocidade, de força e coordenação táctico-técnica”. (Teodorescu, 1984).
- “*dum ponto de vista táctico- técnico, em todos estes jogos existe luta directa pela posse da bola, há invasão do meio campo adversário e as trajectórias predominantes são de circulação da bola*”.(pág. 17).

GRAÇA e OLIVEIRA colocam que a aprendizagem dos procedimentos técnicos é apenas parte dos pressupostos exigidos para os jogos, mesmo no ambiente escolar, é preciso que tais jogos sejam ensinados não aleatoriamente, mas também de tal forma que os praticantes sejam aptos a jogarem especificamente cada um deles. Para que isto ocorra é preciso que cada jogo seja discutido em suas regras semelhantes ou não, em seus princípios, onde a capacidade de adaptação deve ser considerada e buscada, tendo por isto que haver um mecanismo estimulante para que o jogo seja de interesse dos alunos.

Alguns fatores são determinantes para a verificação da qualidade de um jogo. Estes fatores podem ser entre outros: aglutinação, individualismo, não procurar espaços para facilitar o passe do colega, estar sempre pedindo a bola, não respeitar as decisões do árbitro.

Um bom jogo, ao contrário, tem a bola em jogo, o afastar para a bola chegar até o outro colega, dirigir-se para espaços vagos para receber a bola, intencionalidade de jogo, não esquecer o objetivo do jogo, o gol, a cesta.

Para clarear estas condições os autores se utilizam um quadro onde mostram as fases dos jogos, a comunicação das ações, a estruturação do espaço e a relação com a bola.

Existem diferentes abordagens nesta prática desportiva e os autores a classificam em forma centrada nas técnicas; forma centrada no jogo formal; forma centrada nos jogos condicionados.

Na primeira, considerada imposta, parte-se das regras definidas onde se decompõe o jogo, tal abordagem pode resultar em uma fragmentação do jogo em si.

Na segunda o jogo não é decomposto, tem criatividade, mas podem resultar em lacunas diante da morosidade de ação.

E finalmente, na terceira abordagem, o jogo é decomposto em função da aprendizagem, ela é dirigida e resulta no conhecimento das regras e na criatividade nas ações propostas.

Embora pareça simples, os autores deixam claro que para chegar ao jogo formal, é preciso que algumas etapas sejam cumpridas, como o eu-bola, em que se processa a familiarização com a bola; eu-bola-alvo; em que se visualiza e adapta-se a finalização; eu-bola-adversário, ou seja, a procura da finalização tendo como relacionamento o ultrapassar o adversário; eu-bola-colega-adversário, onde são lidas as informações territoriais, posse de bola, cobertura; eu-bola-colegas adversários seria a penetração e a cobertura ofensiva e finalmente, eu-bola equipe-adversário: o jogo formal. Todos estes exercícios devem ser desenvolvidos com ordens claras, com compreensão e organização.

Para GRAÇA e OLIVEIRA, os jogos devem ser traduzidos em escalas assimiláveis de fácil compreensão, em que sejam utilizadas as estruturações de espaço, a comunicação de ação, a relação com a bola, somente desta forma é que o jogo será traduzido em atividade lúdica, mas organizada e somente assim terá a motivação do aluno em equipe.

As habilidades e competências dos jogos devem privilegiar a equipe e devem ser simplificadas em três etapas: a simplificação do jogo formal em formas modificadas de jogos; a relação entre formas de exercitação e formas de jogos; o modo de integrar formas de exercitação e formas de jogos no decurso da instrução. Para que tal processo ocorra e seja efetivamente um trabalho em equipe, os autores colocam as maneiras de tratar um atleta principiante e um atleta experiente diversificando as ações no trabalho em equipe.

Na seqüência os autores colocam as metodologias específicas para cada um dos jogos propostos, mostrando as formas de ataque, defesa e desenvolvimento dos mesmos especificando as regras utilizadas em cada um deles, lembrando sempre que para cada jogo existem regras semelhantes, mas também existem regras específicas e que para cada jogo o caráter de desenvolvimento em equipe, ultrapassa o desenvolvimento individual no resultado positivo.

2.3. - PAES

Já PAES em Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental, publicado em 2001, pela Universidade Luterana do Brasil, apresenta que é

necessário rever alguns tópicos na pedagogia do esporte em que divide este livro em três capítulos. Ele mostra no primeiro capítulo a educação física escolar e suas informações já existentes, no segundo busca um referencial teórico para melhor compreensão da educação física e no terceiro analisa a realidade atual da educação física no processo ensino aprendizagem.

Iniciando o primeiro capítulo, PAES coloca que existem diferenças entre a educação física escolar e as práticas desportivas nos clubes, que são as escolinhas de esportes que possuem o ensino de forma fragmentada, direcionando para a formação de atletas, e isto se deve à conceituação que existe desde a década de setenta e a conceituação que os professores de educação física vem dando a esta disciplina em escolas.

A diferença existente entre ambas deve ser considerada, na opinião do autor, porque:

“Na escola, devemos tê-lo como um conteúdo de uma área de conhecimento e o seu ensino deve ser proposto de forma organizada e planejada. Assim, a Educação Física na escola pode deixar de ser uma atividade, tornando-se disciplina, e seu programa de ensino deverá definir com clareza seus objetivos, conteúdos programáticos e procedimentos metodológicos utilizados para o cumprimento dos programas propostos”. (pág. 19).

Discorrendo sobre o mesmo assunto PAES cita ainda que Hellison (1985) afirmava ser de atribuição do esporte, através da educação física, a transformação de conduta dos alunos e, por experiência própria PAES revela que existe a necessidade de um olhar diferenciado sobre a educação física praticada nas escolas, visando realmente dar esta modificação aos alunos.

Outra análise que PAES faz, é em relação ao esporte dentro das atividades de educação física em que afirma ser necessário praticar esportes, mas desvinculado daqueles praticados nas Federações, pois para as crianças o importante é praticá-los considerando seu desenvolvimento sensorio motor e de sociabilidade, através do *“acesso a sua iniciação, como um conhecimento da cultura física, contribuindo para a formação do aluno”.* (pág 25).

Neste ponto faz uma análise trazendo autores que se posicionam a respeito da educação física desenvolvimentista, que apresentam a idéia de utilizá-la nas aulas não atrelada somente ao desenvolvimento motor, mas sim pensá-la de forma conjunta aos desenvolvimentos cognitivos e afetivos, pois de acordo com o ponto de vista destes autores, esta educação física é responsável pela *“instrução sistematizada na aquisição progressiva de habilidades motoras e habilidades físicas. Considerando essa linha de argumentação, a*

educação física deve possibilitar aos alunos um desenvolvimento hierárquico do seu comportamento motor”. (pág. 26) É preciso rever a formação do professor de educação física, para que a mesma seja disciplina em níveis fundamentais.

Analisa a proposta de Chiviacowski e Mattos (1988), que aborda o tema na perspectiva do desenvolvimento motor, colocando que o mesmo mostra apenas a elaboração restrita à iniciação esportiva, centrada no desenvolvimento motor da criança, em que “*a iniciação esportiva é compreendida em dois momentos: a aquisição de habilidades básicas e aquisição de habilidades específicas*” (pág 28). Ao contrário de Ferrante-Boccoli (1988) que relata experiências de esportes na escola, gerando interesse dos alunos.

PAES discute ainda o posicionamento de Bonnet (1988) que analisa os dois métodos, o intuitivo e o sintético, e mostra que Kunz (1989) em sua abordagem crítica tem o esporte normativo como ponto central de rendimento na educação física escolar.

Continuando a citar os trabalhos de autores sobre as duas correntes de ensino da educação física dentro da escola, PAES chega até as propostas pedagógicas na disciplina afirmando que existe a necessidade do professor desequilibrar o aluno através dos esportes e jogos, proporcionando seu crescimento no aprendizado.

PAES, citando outros estudos, mostra a necessidade de aliar a educação física desenvolvimentista com a prática esportiva nas escolas, pois a seu ver é indispensável que os alunos entendam tanto o desenvolvimento individual como o desenvolvimento em equipe.

Cita ainda que os jogos são anteriores às escolas e que os homens jogavam antes mesmo que a cultura fosse sistematizada, assim coloca que o jogo pode ser mudado dentro de práticas escolares, modificados para atender aos objetivos propostos, mas que não devem ser esquecidas as regras que fazem do jogo o conhecimento que ele é e, nem se pode desvincular o jogo de competições esportivas, pois mostra que o fracasso de programas de incentivo ao esporte é resultante da falta de competição entre as equipes, elemento natural dos jogos em si.

Termina o capítulo explanando sobre os jogos que, sendo fundamental no ensino de matemática e português, também o deve ser no ensino do esporte e da educação física de forma genérica.

No capítulo 3, PAES discorre sobre a metodologia de estudo desenvolvida para seu trabalho, indicando como base o diagnóstico da rede pública municipal de Campinas citando dados estatísticos de fontes como o IBGE sobre a população infanto juvenil e a população de favelados, na década de 70 e 80, comparando-as.

É através desta comparação que ele mostra os problemas gerados pela falta de espaço para a prática de esportes no município e o problema das escolas que também não tem este espaço de forma necessária para o desenvolvimento da prática de esportes, lembrando que seria ingenuidade supor que o esporte acabasse com problemas sociais nesta faixa etária, mas lembrando ainda que, o esporte poderia ser coadjuvante nesta resolução.

A metodologia proposta pelo autor também passa pelo perfil do professor de educação física que se encontrava na rede neste período e a qualidade das aulas ministradas aos alunos, para que através destes dados pudesse propor a metodologia que acredita ser adequado para o desenvolvimento dos esportes na escola.

O capítulo 4 leva PAES a implementar uma proposta de educação física e a pedagogia do esporte, priorizando o ensino fundamental através de faixas etárias específicas, onde cada fase terá a clareza dos objetivos e conteúdos específicos baseados em quatro modalidades esportivas: basquetebol, futebol, handebol e voleibol. Estas quatro modalidades têm o pressuposto de suas qualidades comuns, onde fica claro que a *adaptação de jogos e brincadeiras faz parte do universo da criança* (pág. 93).

Quando PAES coloca as diferenças entre as faixas etárias coloca também determinadas seqüências de regras para cada um dos períodos desde a pré-iniciação, que atenderá as crianças entre 7 e 8 anos, e terá como trabalho fundamental o domínio do corpo e da bola, através de exercícios explicitados e de fáceis compreensão.

O segundo período a iniciação I indicada para as 3^a e 4^a séries do ensino fundamental atenderá a crianças de 9 a 10 anos com exercícios para entendimento de passe, recepção e o drible, com o objetivo específico de oferecer aos alunos a oportunidade de conhecer, *aprender e vivenciar diferentes tipos de passes, diferentes formas de receber a bola e o drible, são exercícios simples e relativos aos fundamentos elencados* (pág. 101).

PAES mostra através de exercícios os fundamentos dos conteúdos propostos.

Para a iniciação II, do terceiro período atendendo as 5^a. e 6^a. séries do ensino fundamental atenderá a faixa etária de 11 a 12 anos, onde serão estudados a finalização e os fundamentos específicos das modalidades sugeridas.

Mostra na seqüência a justificativa do desenvolvimento dos exercícios e a descrição dos mesmos para atender ao proposto.

O quarto período ou iniciação III, correspondente a 7^a. e 8^a. série na faixa etária de 13 e 14 anos, onde serão vistos as situações de jogos, transição e sistemas ofensivos e defensivos, onde a transição do ofensivo para o defensivo se define a priori.

PAES coloca desta forma uma maneira lógica de desenvolvimento de esportes dentro da escola, mostrando que a prática pode ser considerada e viável para a educação física escolar.

Nas considerações finais, ele mostra que a escola tem uma prática esportivizada, não o esporte em si, e não deve ser confundido, pois a primeira apresenta uma forma pedagógica e o segundo tem a preocupação com formações de equipe, todavia a prática dos esportes na escola, principalmente na rede pública deve dar acesso a esta prática dos esportes, onde *o objetivo da iniciação esportiva na escola deverá ser o de instrumentalizar o aluno para que, como cidadão, possa utilizar esse conhecimento na melhoria de sua qualidade de vida.*(pág. 121).

2.4 - KUNZ

KUNZ traz em seu livro *Transformação Didática Pedagógica do Esporte* publicada em 2000, pela editora UNIJUÍ, o livro mostra a opinião do autor sobre o trabalho desenvolvido em educação física como forma de refletir sobre as práticas dispensadas a esta disciplina em relação à sociedade e ao mundo.

É um livro direcionado para os profissionais de educação física e tem como principal marco a reflexão sobre a possibilidade de ensinar esportes nas escolas e transformar esta prática comum.

Se considerarmos que a educação física brasileira tem passado, no início dos anos 80, por uma fase de despertar para novas concepções e entendimentos, podemos considerar, também, que a década de 90 tenha se caracterizado pela consolidação ou de implementação de muitas propostas e projetos de diferentes concepções pedagógicas no cenário nacional. Para a elaboração dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) 31 e 41 ciclos, destacou-se neste sentido, as concepções críticas, construtivistas e desenvolvimentistas, além da psicomotricidade e de outras que começam a ganhar destaque como a sistêmica e antropológica-cultural. Não simpatizo muito com todo e qualquer tipo de classificação, mas, percebe-se que há uma certa coerência na classificação feita, especialmente se levarmos em

consideração aos pressupostos teóricos norteadores das concepções mencionadas. As propostas construtivistas têm, assim, na sua base de conhecimentos as teorias do desenvolvimento cognitivo de Piaget e Vigotski. Como esta proposta centraliza-se, principalmente, nas questões da construção do conhecimento do aluno, levando-se em consideração às estruturas cognitivas e o meio histórico-social, pode-se perceber que há um visível respeito à cultura inicial do aluno, aos conhecimentos prévios dos mesmos. Algumas tendências desta proposta vinculam-se com a concepção pedagógica de Paulo Freire, resultando daí interessantes projetos de intervenção pedagógica-educacional. O mais importante nesta proposta talvez seja a percepção que se tem de um enorme campo aberto para novas construções e projetos tanto para a Educação como para a educação física. As propostas desenvolvimentistas são apoiadas principalmente por teorias psicológicas de diferentes concepções, psicologia do desenvolvimento, cognitiva, da aprendizagem etc. Sua característica principal é a habilidade de mudar o enfoque central de suas preocupações, ou seja, as relações do desenvolvimento físico, mental, emocional e suas derivações sofrem constantes deslocamentos. Na educação física esta proposta deu apoio ao desenvolvimento das abordagens da Aprendizagem Motora, também em amplo desenvolvimento entre nós. As propostas denominadas críticas fundamentam sua concepção em teorias filosóficas, sociológicas, políticas e econômicas de tendência crítica em relação à sociedade, especialmente. Seguiram, inicialmente, os passos das discussões ocorridas nas Ciências da Educação. Atualmente, pode-se considerar, procuram caminho próprio. Interesse-me mais por esta última por Ter um projeto mais amplo, não apenas para a educação física isoladamente, mas para o ensino em geral, para a educação, para a escola, enfim para a Sociedade e para o Homem. Os avanços e dificuldades dos projetos de tendência inovadora na educação física, que pretendo analisar neste encontro, se referem a esta tendência pedagógica, esperando que a partir dela, e com os demais integrantes da mesa, as outras concepções não apresentadas aqui, neste pequeno resumo, possam ser discutidas.

A Abordagem Crítico-emancipatória, esta centrada no ensino dos esportes que foi concebida para a educação física escolar. Busca uma ampla reflexão sobre a possibilidade de ensinar os esportes pela sua transformação didático-pedagógica e de tornar o ensino escolar em uma educação de crianças e jovens para a competência crítica e emancipada. Conforme relata seu idealizador KUNZ (1996) “uma Educação mais emancipadora, voltada para a

formação da cidadania do jovem do que de mera instrumentalização técnica para o trabalho” (pág. 144).

Coloca ainda que é necessário orientar o ensino num processo de desconstrução de imagens negativas que o aluno interioriza na sua prática de esportes autoritários e domesticadores. Sua orientação de concepção educacional é denominada de Crítico-emancipatória, onde a emancipação pode ser entendida como um processo contínuo de libertação do aluno das condições limitantes de suas capacidades racionais críticas e até mesmo o seu agir no contexto sociocultural e esportivo. O conceito crítico pode ser entendido como a capacidade de questionar e analisar as condições e a complexidade de diferentes realidades de forma fundamentada permitindo uma constante auto-avaliação do envolvimento objetivo e subjetivo no plano individual e situacional.

Tratar do esporte como conteúdo da educação física tem sido um dos temas mais presentes no meio acadêmico da Educação Física brasileira. A partir dos anos 80, críticas sobre as concepções que, ao longo da história, vêm informando/formatando/orientando a educação física foram formuladas. Uma das críticas creio que a mais contundente recaía (recai) sobre a biologização do movimento humano, ou seja, a utilização do paradigma biológico de forma exacerbada, quase como a única maneira para orientar o desenvolvimento da atividade física, reduzindo a compreensão e explicação do Homem em movimento apenas a seu aspecto biológico, dissociando-o como se fosse possível fazê-lo sem incorrer em equívocos teóricos danosos e irremediáveis dos demais aspectos que caracterizam o movimento humano, antropologicamente considerado.

Neste texto, em face de sua temática, interessa ao autor um olhar mais detido sobre a influência da instituição esporte sobre educação física escolar. A crítica elaborada a essa influência dirigia-se à predominância do esporte como conteúdo da educação física escolar.

Se quisermos discutir o esporte como conteúdo da educação física escolar, é necessário, antes de tudo, ter claro que estaremos discutindo também a educação física como componente curricular.

Não há também considerações que reflitam sobre a existência ou não de reações aos impactos da introdução do esporte sobre uma educação física desenvolvida fundamentalmente com base na ginástica tradicional, onde havia a presença de atividades mecânicas, estereotipadas, como por exemplo, a ginástica calistênica. Há um tratamento superficial desta questão, não havendo um aprofundamento sobre as razões de o esporte ser introduzido na

escola [...] questões que não podem ser respondidas sem que se vá as fontes, sem que se operem estudos mais consistentes e aprofundados sobre as formas, as causas e as conseqüências da referida inclusão.

Para KUNZ, o ensino na concepção crítico-emancipatória deve ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos, criados e construídos nos alunos pela visão de mundo que apresentam a partir do conhecimento. O ensino escolar necessita, desta forma, se basear numa concepção crítica, pois é pelo questionamento crítico que chega a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade que formam as convicções, interesses e desejos.

KUNZ ao longo do seu trabalho tece algumas críticas à proposta crítico-superadora e apresenta algumas de suas limitações. A primeira delas diz respeito à deficiência das práticas efetivamente testadas na realidade concreta, que questionava, criticava e dava a entender que tudo estava errado na educação física e nos esportes, sem, no entanto, fornecer elementos para uma mudança ao nível de prática. Assim, o autor apresenta os resultados do desenvolvimento de uma proposta prática em algumas escolas, dentro de uma nova concepção de ensino para modalidades esportivas, baseada na perspectiva crítico-emancipatória.

KUNZ relata que a abordagem crítico-superadora, na questão metodológica para o ensino dos esportes não apresenta elementos que norteiem o ensino, considerando a dimensão do "conhecimento" que os alunos precisam adquirir para criticar o esporte e para compreendê-lo em relação a seus valores, normas sociais e culturais. Kunz entende que o Coletivo de Autores propõem a mesma classificação tradicional do esporte, por exemplo, no atletismo apresenta a divisão da modalidade em elementos de correr, saltar e arremessar/lançar.

Em suma, nas palavras de KUNZ...

"... em termos de uma metodologia de ação para instrumentalizar o profissional da prática... defronta-se mais uma vez com esta nova intransparência metodológica para o ensino da Educação Física numa perspectiva crítica..." (pág. 21).

KUNZ defende o ensino crítico, pois é a partir dele que os alunos passam a compreender a estrutura autoritária dos processos institucionalizados da sociedade e que formam as falsas convicções, interesses e desejos. Assim, a tarefa da Educação crítica é promover condições para que estas estruturas autoritárias sejam suspensas e o ensino encaminha no sentido de uma emancipação, possibilitado pelo uso da linguagem.

A linguagem tem papel importante no agir comunicativo funciona como uma forma de expressão de entendimentos do mundo social, para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências e agir de acordo com as situações e condições do grupo em que está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se de cultura.

Do ponto de vista das orientações didáticas, o papel do professor na concepção crítico-emancipatória confronta, num primeiro momento, o aluno com a realidade do ensino, o que denominou de transcendência de limites. Concretamente a forma de ensinar pela transparência de limites pressupõe três fases. Na primeira os alunos descobrem, pela própria experiência manipulativa as formas e meios para uma participação bem sucedida em atividades de movimentos e jogos. Devem também, manifestar pela linguagem ou representação cênica, o que experimentaram e o que aprenderam numa forma de exposição, e por último, os alunos devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem.

2.5 - A influência destas teorias em algumas experiências praticadas na UNICAMP:

Marques (2001), em sua pesquisa de conclusão de graduação, na faculdade de Educação Física da UNICAMP, propõe uma nova metodologia aplicada ao ensino dos esportes coletivos para crianças de 09 a 12 anos de idade.

Ele tem como base, em seu estudo, o autor Garganta (1995), e assim, emprega uma metodologia que é Centrada nos Jogos Condicionados (Pré-Desportivos).

Seu estudo está dividido em 10 itens. Os dois primeiros são o resumo e a introdução.

No terceiro item, denominado de “O Ensino dos Esportes Coletivos”, parte da pesquisa em que faz um levantamento do referencial teórico sobre o tema, traz questões e métodos que auxiliam no desenvolvimento do ensino dos esportes coletivos. Inicialmente, apresenta a questão que as atividades relacionadas a este ensino devem ser integrativas, pois caso contrário prejudicará o processo pedagógico.

Depois, Marques (2001) cita a Pedagogia das Intenções de Claude Bayer, que fala que nesta pedagogia a criança tem o poder de decidir seus atos e não somente, ser executora de exercícios técnicos ensinados pelo professor. Tenta-se, também, desenvolver o raciocínio

tático na criança, ou seja, que ela seja capaz de entender o jogo e solucionar situações de forma criativa e eficiente.

Cita, ainda, Garganta (1995) que apresenta três formas didático-metodológicas do ensino dos esportes coletivos, isto é, a forma centrada na técnica, centrada no jogo formal, estas duas muito utilizadas por professores, que o ensino é centrado no próprio professor tornando algo mecanizado pelos alunos, e a forma centrada nos jogos condicionados ou pré-desportivos, que é à base da pesquisa de Marques (2001), os quais devem ser ensinados através de técnicas pedagógicas integrativas e jogos pré-desportivos.

Marques (2001), mostra que o ensino dos esportes, dentro do ambiente escolar, é centrado na técnica e os exercícios que levam a obtenção da técnica são os mesmos a cada série escolar, impedindo o progresso de uma série para outra. Isto faz com que surja um desinteresse e até mesmo um abandono das aulas de educação física, que se torna excludente só favorecendo os mais aptos.

Nesta parte de sua pesquisa, Marques defende de forma intensa a utilização dos jogos pré-desportivos no ensino dos esportes coletivos, pois a utilização dos jogos, possibilita o surgimento de maior número de situações e níveis de desenvolvimento para que a criança vivencie e adquira um conhecimento do esporte de forma mais ampla e interessante para que, futuramente, possa haver uma especialização em uma modalidade esportiva.

Marques (2001) mostra que o professor deve estar preparado para o ensino dos esportes coletivos, pois o esporte é um meio muito importante para o desenvolvimento do aluno, não somente como jogador, mas também como cidadão capaz de modificar o mundo e a sociedade que ele vive.

No item seguinte (4º), há uma caracterização da modalidade em questão (FUTSAL), quanto às suas posições em quadra (jogadores) e quanto aos seus sistemas de jogo (tática).

No quinto item, Metodologia de Aulas, Marques (2001) apresenta sua metodologia de pesquisa, ou seja, qual caminho irá seguir para o desenvolvimento da mesma, sendo que suas atividades se baseiam em jogos e brincadeiras.

Sua metodologia é dividida em três módulos:

Mód. 1 – NÍVEIS DE RELAÇÃO: foram desenvolvidas atividades desde as mais simples, com pouco grau de exigência do aluno, até as mais complexas, explorando situações que possibilitassem o contato com a bola, o alvo (GOL) e com o adversário.

Mód. 2 – JOGOS DE MOVIMENTAÇÃO TÁTICA: neste momento inicia-se o trabalho de visão e consciência tática, ou seja, capacitar o aluno a solucionar situações problemas com o auxílio de sua equipe (criar linhas de passes, ocupar espaços vazios, etc).

Mód. 3 – MAIOR UTILIZAÇÃO DOS JOGOS FORMAIS: este módulo é voltado ao jogo de Futsal propriamente dito.

No sexto item, Marques (2001) apresenta os jogos e brincadeiras utilizadas em sua metodologia, sendo que estão descritos e com comentários a respeito de seus objetivos e variações.

No item Avaliação do Método Sistematizado (7º), é feita a avaliação do método proposto. Esta avaliação foi feita com quatro filmagens, sendo que a primeira antes do início do processo e as outras três ao final de cada módulo. Essa avaliação foi baseada nos critérios de jogo fraco e bom jogo de Garganta (1995).

O jogo fraco tem como características:

- A aglutinação (todos atrás da bola);
- Individualismo;
- Não procurar espaços vazios na quadra;
- Não defender;

O bom jogo possui como características:

- Passar;
- Afastar-se do jogador com a bola;
- Procurar espaços vazios na quadra;
- Criar linha de passes;
- Não esquecer o objetivo do jogo.

No nono item, Conclusões, a metodologia aplicada respeitando a ordem dos módulos foi considerada eficiente para o aprendizado na faixa etária trabalhada. Também, foi constatado que é necessário desenvolver com grande qualidade o Mód. 1 – NÍVEIS DE RELAÇÃO, já que essas relações são mantidas em todos os módulos, principalmente, no desenvolvimento do jogo formal.

Após analisar as filmagens e levantar características desenvolvidas em cada módulo, Marques (2001) define prioridades a serem trabalhadas em cada módulo e a isso deu o nome

de “Rede de Aprendizagem dos Esportes Coletivos”. Essa rede é dividida em negativa e positiva.

A rede negativa parte da característica da visão centralizada, isto é, o aluno só olha para a bola e tenta realizar tudo individualmente, até chegar à desorganização tática, pois todos estarão atrás da bola e cada um querendo resolver as situações do seu jeito. Essa rede traz indicadores do jogo fraco, já exposto anteriormente.

A rede positiva parte da característica de visão periférica, ou seja, o aluno visualiza o todo e, assim, chega à organização tática, que é a equipe envolvida para solucionar um problema. Neste caso há indicadores do jogo bom, também já citado.

Assim, Marques (2001) relata que para o aprendizado dos esportes coletivos, deve-se tomar como prioridade a ser desenvolvida a visão, isto é, transforma-la de centralizada para periférica, e também, possibilitar que o aluno entenda o jogo e os objetivos a serem alcançados dentro do mesmo.

Marques traz em seu método uma concepção diferente de ensinar os esportes coletivos. Isto se deve ao fato de acreditar que o desenvolvimento dos esportes esteja ligado ao tipo de “visão” que possui o aluno, isto é, se ela é centralizada, quando o aluno só olha para a bola, é individualista, ou periférica, quando o aluno passa a ter capacidade de compreender o esporte e a jogar em equipe. Por isso, Marques diz, em seu método, que é necessário desenvolver este segundo tipo de “visão” e, para isso, propõe uma rede de aprendizagem que pode ser definida em negativa (jogo fraco) e positiva (bom jogo), vista no segundo capítulo.

Lagares (2002), também, em seu trabalho de conclusão de graduação na faculdade de Educação Física da UNICAMP, Futsal na Escola: uma proposta de ensino aplicada numa escola da rede municipal de Campinas baseia-se em autores vinculados à pedagogia deste esporte para propor uma nova metodologia de ensino do futsal na escola.

Para isto, inicia sua pesquisa apresentando o seu vínculo, interesse, com esta modalidade e os motivos que o levaram a estudar este assunto. Sua pesquisa está dividida em três capítulos, que será apresentado a seguir.

No primeiro capítulo, apresenta um breve histórico sobre a educação física, mostrando os caminhos percorridos por esta disciplina até hoje.

Mostra que o futsal é ensinado, muitas vezes, de forma inadequada, ou seja, através da técnica, do rendimento, sem desenvolver características essenciais para os esportes coletivos, como cooperação, o espírito de grupo, a inteligência tática.

Após o breve histórico, que se aproxima muito do que foi visto no primeiro capítulo deste estudo, Lagares (2002) apresenta, como um subtítulo do primeiro capítulo “As novas propostas em Educação Física”, tendo como base autores como: Hildebrant & Laging (1986), Bracht (1992), Betti (1991), Freire (1991), Coletivo de Autores (1992) e Daolio (1995). Nesta parte de seu estudo, Lagares (2002) levanta diferentes abordagens sobre a Educação Física, e apresenta as diferentes perspectivas propostas por estes autores.

Hildebrant & Laging (1986) apresentam um método de ensino dos conteúdos da Educação Física em que o ensino passa a estar centrado no aluno e não mais no professor. Bracht (1992), buscou desenvolver um novo método de ensino da educação física que levasse a um tipo de aprendizagem social em uma perspectiva de educação transformadora. Betti (1991) apresenta um método que propõe a formação de um homem crítico, criativo e consciente como modelo de personalidade. Freire (1991), acredita que a educação física deva ser trabalhada respeitando a cultura infantil, ou seja, ser desenvolvida através de jogos e brincadeiras, já que esta cultura é muito rica em situações e formas de solucioná-las. Coletivo de Autores (1992) apresenta que o conteúdo a ser trabalhado nas aulas de educação física é a cultura corporal, que é composta pelos jogos, ginástica, dança, lutas e esporte. Daolio (1995) baseia-se em seus estudos na Antropologia Social, que considera a humanidade plural e procura abordar os homens a partir de suas diferenças. Para ele a educação física deve ser capaz de proporcionar um conhecimento que possibilite ao aluno pensar, compreender, criticar e transformar a realidade, se preciso.

No segundo capítulo, Lagares (2002) traz algumas abordagens sobre métodos de ensino do Futsal, já as relacionando com os autores visto no capítulo anterior.

Teixeira (1979), que divide os processos pedagógicos em forma de jogo (jogos e jogos pré-desportivos) e em forma de trabalho (pequenos e grandes grupos). Esses processos respeitam as diferentes fases do processo de desenvolvimento do indivíduo fazendo o aluno desenvolver suas habilidades de forma natural, harmoniosa e espontânea preparando-o, assim, para atividades mais complexas. Fernandes (1971), traz em seu livro, que o Futsal pode ser decomposto em fundamentos técnicos para o seu ensino, tornando-o algo mecanizado e com pouca compreensão para o aluno. Corsini (1987) apresenta em seu livro aspectos claros do

ensino do Futsal voltado para a técnica e algo mecanizado, tornando a criatividade do praticante cada vez mais escassa. Junior (1990) considera o ensino do Futsal baseado nos fundamentos técnicos e nos fundamentos do jogo. Os fundamentos técnicos são as regras, os locais de jogo e os materiais utilizados para o jogo formal. Os fundamentos do jogo são o conhecimento e o domínio das técnicas existentes no jogo. Mutti (1994) apresenta uma reflexão sobre como desenvolver o ensino do Futsal. Apesar de ter em sua obra uma nova metodologia de ensino, ele mantém a visão já discutida, do ensino centrado na técnica e desvinculada da tática. Neste método procura adaptar o jogo de Futsal a uma seqüência pedagógica respeitando as características físicas, intelectuais e psicológicas da criança. Ricardo Lucena (1994) apresenta, também, um novo método de iniciação ao Futsal, utilizando-se de componentes motores básicos como equilíbrio, ritmo, coordenação em geral e noção espaço-temporal. Precisa-se desenvolver bem estes componentes motores para que depois sejam trabalhadas as técnicas individuais existentes no jogo. O autor ainda fala sobre quatro outros pontos necessários para o processo ensino-aprendizagem: 1) conhecimento da criança; 2) desenvolvimento dos componentes motores; 3) procedimentos básicos de ensino; 4) linguagem didático-esportiva para desenvolver o aprendizado dentro da seqüência pedagógica do ensino. Santana (1996) acredita que para o melhor desenvolvimento da iniciação ao Futsal, os professores não devem se basear apenas na formação técnica, mas sim, valorizar o processo de ensino, os jogos, o lúdico e a construção de idéias e valores.

Lagares (2002) traz algumas conclusões sobre estes autores, com exceção de Santana (1996).

- Métodos centrados no ensino da técnica;
- Aulas centradas no professor;
- Desrespeito às diferenças entre os alunos;
- Pouca presença do aspecto lúdico;
- Pouca valorização da criatividade;

Lagares (2002) traz ainda Reis (1994) que diz que estes métodos são denominados *método parcial*, ou seja, é o método que parte dos fundamentos técnicos e, somente, após o domínio destes fundamentos é que se parte para o jogo propriamente dito.

No terceiro capítulo, após ter levantado referências sobre metodologias aplicadas ao ensino do Futsal, Lagares (2002) apresenta sua metodologia de ensino denominada “Projeto

Futsal". Ele procurou neste método trazer conhecimento do Futsal de forma que permitisse aos alunos, uma formação autônoma e crítica, além dos conteúdos técnicos e táticos do Futsal.

As aulas deste projeto priorizavam a re-afirmação de valores como respeito, solidariedade e cooperação, características muito importantes para o jogo. As aulas não eram centradas no professor, possibilitando aos alunos opinarem e interagirem com os colegas e até mesmo com o próprio professor.

Com isso, Lagares (2002), ao final de seu estudo, traz algumas conclusões a este respeito, como a que dentro do ambiente escolar é importante valorizar e incentivar a participação de todos, independentemente, do grau de desenvolvimento que o aluno se encontra. O método descentralizado do professor ajudou na participação de todos e a valorizar a cultura corporal de cada aluno.

Lagares tem sua proposta baseada na figura do aluno como centro das questões, ou seja, podemos notar em seu estudo que quando a educação física é centrada no professor, surgem atividades baseadas na técnica, que se tornam mecânicas e gera uma exclusão dos menos aptos. Assim, em sua proposta o aluno passa a ter um papel importante, pois ele participa, além das atividades, da elaboração das mesmas, possibilitando a participação de todos, independentemente, ao nível de desenvolvimento que se encontra o aluno.

CAPÍTULO 3 – Algumas reflexões e interfaces teóricas existentes entre os autores discutidos.

Neste capítulo, analisaremos os autores relacionados com a pedagogia do esporte, tratando de suas convergência e possíveis divergências, além de associá-los com as abordagens, vistas também no capítulo anterior.

Graça e Oliveira em “O Ensino dos jogos desportivos” mostra que os jogos coletivos são de vital importância para o desenvolvimento de competências em vários planos, principalmente em nível tático-cognitivo, técnico e sócio afetivo. Evidente para que tal ocorra devem ser bem orientados.

Ao contrário de Paes, em Educação Física Escolar: o Esporte como Conteúdo Pedagógico do Ensino Fundamental que propõe uma análise mais apurada sobre a prática dos desportos coletivos separando-as de atividade física nas escolas.

Se o primeiro analisa os valores intrínsecos dos jogos desportivos, o segundo analisa que os jogos, ainda que importantes não devem ser a única forma de desenvolvimento de educação física no ensino fundamental, e ainda, crítica, ao contrário de Graça e Oliveira, que os jogos desportivos fazem parte do desenvolvimento infantil.

Por outro lado, Kunz aborda os jogos desportivos como sendo importante, mas dentro de uma teoria metodológica da educação física, sem fazer com que tais práticas se destaquem fora do contexto das concepções que orientam esta prática.

Assim sendo, ao comparar os três autores, temos que Graça e Oliveira partilham da opinião que para os alunos desenvolverem uma prática em educação física de acordo com seus interesses, eles devem necessariamente vivenciar as práticas pedagógicas coletivas, através dos jogos desportivos, com a finalidade de desenvolver a capacidade de cooperação, inteligência e sociabilidade como forma de desenvolvimento infantil na disciplina educação física. Todavia na opinião deste autor, a necessidade da prática de jogos desportivos passa por um crivo especial que é o desenvolvimento infantil, e este crivo determina que os jogos desportivos sejam prática na escola, mas que não sejam ensinados aleatoriamente. Desta forma o ensino de jogos desportivos propõe uma sistemática crescente de aprendizagem que parte das regras estabelecidas para cada jogo e a partir das regras os rudimentos de cada modalidade, com o respectivo aperfeiçoamento, mas não como imposição, única de ensino,

através do qual os alunos tenham a obrigatoriedade de competições, mas antes desenvolvendo par a par as noções, regras e os jogos dentro de um espaço lúdico de desenvolvimento.

Além disto, para Graça e Oliveira, os jogos devem privilegiar sempre a equipe e não cada elemento em si.

Para Paes, os jogos desportivos não podem e nem devem ser a única forma de ensino da educação física nas escolas, é necessário que esta prática seja aliada aos jogos mesmo porque os jogos são anteriores as práticas educativas, existindo antes da escola.

Para ele os jogos desportivos não se baseiam nos desenvolvimentos citados por Graça e Oliveira, mas antes nas faixas etárias dos alunos onde em cada uma delas existe a necessidade de um aperfeiçoamento cada vez mais complexo dos atos praticados em cada modalidade esportiva, desde o domínio do corpo e da bola até chegar ao jogo propriamente dito, mas não descarta a possibilidade de desenvolver atividades físicas paralelas aos jogos desportivos, assim se temos em Graça e Oliveira um defensor dos jogos desportivos como atividade escolar, para Paes os jogos desportivos devem instrumentalizar as competências futuras dos alunos na melhoria de qualidade de vida.

Kunz por sua vez, divide a educação física dentro das concepções existentes na mesma ao longo dos anos, privilegiando os jogos desportivos dentro de uma construção acadêmica que deve levar ao aluno soluções de desenvolvimento pessoal e coletivo.

Em sua análise, embora aceite a prática de jogos desportivos, critica durante o posicionamento da compreensão da educação física como fonte de desenvolvimento pessoal, unicamente, buscando superar as deficiências das práticas desportivas na realidade escolar através de uma análise crítico emancipatória da educação física. E esta superação passa pela formação do profissional de educação física e das modificações necessárias para o desenvolvimento dos jogos desportivos de tal forma que desde o início do ensino médio estejam confrontando movimentos, domínio e experiências voltando-se para a coletividade dos jogos, mas não necessariamente utilizando-se os jogos para competições e antes para a descoberta de suas vivências pessoais através de expressões e formas de movimentos e ritmos existentes nos jogos.

Assim, analisando as cinco propostas, temos:

Graça e Oliveira e Paes trazem em suas propostas a perspectivas construtivistas, as quais procuram explorar o aluno em diferentes níveis, principalmente, níveis maiores do que aquele que se encontra.

Paes apresenta que, apesar de notarmos a perspectiva construtivista em seu discurso, para desenvolver o ensino dos esportes coletivos é necessário ter como aliada à perspectiva desenvolvimentista para que os alunos se entendam individualmente e coletivamente.

Kunz é que se difere um pouco dos demais, por trazer uma concepção crítico-emancipatória, que procura tornar o aluno crítico e ao mesmo tempo autônomo para praticar atividade física que quiser de forma consciente. Ele mostra que esta perspectiva que se baseia, deveria ser utilizada não só pela educação física, mas também, pela educação, pela sociedade.

Todos fazem referências para a utilização de jogos e brincadeiras para o ensino dos esportes, e que suas regras podem ser modificadas para que se atinja o objetivo desejado. Outro aspecto importante, é que no caso de Marques e Lagares (relatos citados no capítulo anterior) eles trazem suas propostas baseadas em uma modalidade já definida (futsal), mas podemos perceber que não só para eles como para os demais autores, as modalidades esportivas são muito semelhantes com apenas poucas diferenças e, com isso, estas metodologias podem ser empregadas para quaisquer modalidades esportivas coletivas.

Temos, pois, três concepções de jogos desportivos que mesmo apoiando sua aplicação em escolas, mostra-se sob ângulos diferentes o porque aplica-los. Em um primeiro momento, a aplicação se deve a necessidade de desenvolvimento de sociabilização, coletividade, desenvolvimento cognitivo, em um segundo momento à necessidade de desenvolvimento corporal e a instrumentalização para a prática futura e em um terceiro momento à necessidade de desenvolvimento de jogos como forma de expressão e crítica à aprendizagem buscando sua significação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Após termos analisados autores referentes ao ensino dos jogos desportivos e autores que tratam de abordagens, tendências, da educação física, discorreremos sobre possíveis meios de tornar a educação física escolar um lugar onde há uma integração, uma cooperação, uma inclusão e, também, o desenvolvimento das capacidades de cada aluno respeitando suas diferenças.

Para isto, iniciaremos com reflexões obtidas durante a graduação na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, onde tive vários professores com discursos interessantes, embora não tenha certeza se são empregados na prática, mas que possibilitam uma amplitude de conhecimento e algumas diretrizes que podem ser seguidas. No caso deste estudo, graças a alguns desses professores, tenho seguido à direção dos esportes e dos jogos, prioritariamente, não excluindo a opção dos demais conteúdos da educação física.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que muitos alunos, desta graduação, a partir destes discursos, acham que poderão mudar a educação física escolar, no exato momento que saírem da faculdade, espero que isto ocorra com todos, mas temos que ter com clareza as dificuldades a serem enfrentadas:

- 1) professores com anos de formados e que possuem vícios antigos;
- 2) professores que argumentam para que dar boas aulas se o salário é pequeno, ou os alunos só querem fazer isso;
- 3) escola que não têm tradição em ter aulas de educação física, e assim, muitas vezes as aulas são precárias, sendo uma vez por semana e com duração de 45 minutos.
- 4) escolas que se preocupam em preparar alunos para o vestibular e, por isso, as aulas de Educação Física passam a ser optativas, em período contrário, e até às vezes em academias conveniadas com a escola.

Além disto, retomando os dois últimos parágrafos do primeiro capítulo deste estudo, temos que nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, as aulas de educação física acabam sendo ministradas pelas próprias professoras de cada sala, sendo que elas não possuem o mínimo de preparo e a grande maioria utiliza estas aulas para outros componentes curriculares. Também é o caso de muitas escolas particulares que a oferecem no ensino médio. Só que com um problema. Estas escolas ou dispensam os alunos por atestado médico ou firmam convênios com academias de ginástica e acabam encaminhando seus alunos para

elas. Como o objetivo destas academias é diferente do objetivo educacional e não possui algum vínculo com o projeto pedagógico da escola, a formação destes alunos acaba ficando comprometida.

Não é tão simples solucionarmos estes problemas, já que no ensino fundamental, o profissional de educação física, muitas vezes, só realiza seu trabalho a partir da quinta série.

Penso que só há duas maneiras de revertermos o papel da educação física escolar. A primeira, mais em curto prazo, seria utilizarmos os conteúdos mais desenvolvidos nas escolas e modificarmos sua estrutura, ou seja, partirmos do conteúdo esporte e acrescentarmos todos os demais conteúdos, e no planejamento termos programas e objetivos claros para cada aula; sermos responsáveis em trazermos o maior número, ou melhor, todas, as crianças para fazerem parte deste processo, sem excluir as “menos aptas”, mas sim procurando um meio de integrá-las ao todo e respeitando as características de cada uma. Devemos tornar nossos alunos pessoas críticas quanto à forma de analisar os esportes, principalmente, ao que diz respeito aos esportes espetáculo, isto é, o esporte de alto-rendimento visto pelos meios de comunicação. Acredito que ao torná-los mais críticos, não só estaremos possibilitando uma prática destes esportes em seu momento de lazer como, também, estaremos diminuindo a violência ligada ao esporte, pois haverá um respeito mútuo a pessoa que torce por outra equipe e para a sua como também haverá o respeito à própria equipe e as coisas vinculadas a ela. A segunda forma seria um processo em longo prazo, ou seja, iniciar o processo com todos os conteúdos da cultura corporal a partir do ensino infantil, ou do primeiro ano do ensino fundamental, mas também fazendo algo que torne a educação física uma disciplina como qualquer outra no ambiente escolar, pois terá clara sua área de conhecimento e atuação.

Devemos fazer esta disciplina voltar a ser necessária. Isto ocorre, principalmente, porque a maioria dos profissionais da área não procuram se atualizar, acompanhar o que tem acontecido de novo, se há nova proposta pedagógica para desenvolver os conteúdos, se há nova abordagem teórica para desenvolver os métodos. Penso que a solução para este problema seja utópica, mas acredito na possibilidade das próprias Faculdades de educação física abrirem suas portas para realizar eventos, sem fins lucrativos, que permitam a atualização destes profissionais, como também possibilitaria um maior número de pesquisas na área.

Acredito, que a educação física escolar está próxima “do fundo do poço” e não consigo vê-la pior do que isto. Estamos em uma situação tão difícil, por desenvolver sempre o

mesmo conteúdo curricular de forma técnica e mecânica, que abriram as portas das escolas para que qualquer pessoa pudesse ministrar essas aulas, pois esta pessoa é considerada um “Amigo da Escola”. O “Amigo da Escola” é uma entidade não governamental que foi criada para suprir e auxiliar na melhoria da instituição escola. Mas isto, ao meu modo de ver deveria ser feito na parte extra curricular, ou seja, os voluntários deveriam ajudar na reforma do prédio da escola, na preparação da merenda, em auxiliar os alunos na hora de realizar os deveres propostos nas aulas, e não ocupar o lugar dos professores para desenvolver a disciplina. Não há nada pior em saber que passamos um período de quatro anos estudando, nos formando, para que outra pessoa sem formação alguma assumira nosso espaço dentro do ambiente escolar, sem ter competência para isto.

Assim, temos alguns autores que refletem sobre o que pode ter gerado esta situação na educação física escolar.

Para Bracht (1992) a educação física possui dois sentidos, *um restrito que abrange as atividades pedagógicas* e outro *sentido amplo que serve para representar todas as manifestações culturais ligadas a ludomotricidade humana.* (pág 15).

Já o COLETIVO DE AUTORES (1992) apresenta que o objetivo da educação física era o da aptidão física, ou seja, *o conhecimento que se pretende que o aluno apreenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo de rendimento de sua capacidade física.* (pág 36). Eles apresentam uma perspectiva baseada na cultura corporal, *que busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer de sua história. (...) podem ser identificadas como formas de representação simbólica de realidades vividas.* (pág 38).

Para João Freire, entrevistado por DAOLIO (1998), *“a prática escolar de educação física no país está muito deficiente, com aulas muito mal dadas e professores que não seguem qualquer abordagem”.* (pág. 91).

É triste pensar que todos esses anos não serviram para nada no que diz respeito à garantia do nosso espaço dentro da escola, já que qualquer um pode dar as aulas de educação física. Vejamos: será que um açougueiro pode assumir um lugar de um médico em uma cirurgia? Será que um carpinteiro pode assumir o lugar de um engenheiro civil na construção de um prédio? Não, não podem. Só nós podemos perder nosso espaço, se continuarmos a fazer o que vem acontecendo.

Em 2001, surge um Projeto do Governo Federal chamado Esporte na Escola, pois o governo reconhece a importância do esporte como um meio de formação da cidadania e da melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Este projeto tem como finalidade *“alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer”*. (www.met.gov.br/esportenaescola). O objetivo deste projeto é *“democratizar o acesso à prática e à cultura do Esporte como instrumento educacional, visando o desenvolvimento integral das crianças adolescentes e jovens como meio de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida”*. (www.met.gov.br/esportenaescola).

Este projeto tem-se efetivado através de três linhas estratégicas:

- 1) Incentivo a prática da educação física na Educação Básica, isto se encontra na lei 10.328/2001 que mostra que a educação física é componente curricular obrigatório na Educação Básica, sendo facultativa nos cursos noturnos;
- 2) Implantar Infra-estrutura esportiva nas escolas, ou seja, aumentar o número de espaços esportivos nas escolas públicas fazendo que a relação existente entre os espaços e escolas cai de 6,42 escolas para 1 espaço para 3 escolas para um espaço;
- 3) Implantar núcleos de Esporte na Escola, que possibilitem o acesso à prática esportiva, orientando o processo ensino-aprendizagem e refletindo sobre a prática pedagógica do projeto. O núcleo se caracteriza pelo trabalho organizado pelos profissionais de educação física.

Estes núcleos deverão funcionar valorizando o esporte como um dos conteúdos, em horários extra turnos, ou seja, no horário oposto às aulas, nos finais de semana devem estar abertos à comunidade, o professor de educação física está responsável por coordenar as atividades e poderá haver a participação e colaboração de voluntários, sempre sob a coordenação do professor de educação física.

Vejo este projeto como mais um meio de efetivar a educação física nas escolas e o único empecilho que pode atrapalhar em seu desenvolvimento é como ocorrem as capacitações destes profissionais de educação física. Esta capacitação é feita através da TV Escola em dois horários: das 10:00h às 12:00h de terça feira e das 17:00h às 19:00h de quinta feira. Não acredito muito que estes profissionais estarão assistindo estas capacitações, pois

muitas vezes nestes horários eles estão em aula. Outro ponto que pode agravar esta capacitação é se o professor ficar com dúvidas em algum processo que foi demonstrado, como ele poderá esclarecer suas dúvidas.

Com isso, temos neste estudo um breve apanhado teórico que fundamenta a utilização dos esportes e dos jogos nas aulas de educação física, e estes conteúdos devem ser desenvolvidos de modo diferenciado àquele existente fora da escola. Há, também, teorias que propõem a utilização da ginástica, das lutas, da dança no ambiente escolar. O que mais temos a nosso favor é o “leque” de atividades, objetivos, teorias, métodos para o desenvolvimento das aulas de educação física e uma forma mais ampla de desenvolver o aluno, já que ele vivenciaria um número muito maior de situações e movimentos nestas aulas. A partir deste estudo, pude notar que a distância existente entre essas teorias e os professores de educação física é enorme e, por isso, vejo a situação que ela se encontra como um período de “caos” que logo poderá ser melhorado, só dependendo do professor.

Assim, percebe-se que este estudo serve para fazer os profissionais da área pensar: “Será que as aulas que estou desenvolvendo na minha escola estão satisfazendo as necessidades dos meus alunos?”, “O que devo fazer para melhorá-las?”. Acredite, para melhorá-las é muito fácil. Atualize-se.

BIBLIOGRAFIA:

BETTI, Mauro. A Educação Física na Escola Brasileira de 1º e 2º Graus, no Período 1930-1986: Uma Abordagem Social. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1988.

BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. Porto Alegre. Magister, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física Brasileira: autores e atores da década de 1980. Campinas – SP. Papyrus, 1998.

_____. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. Revista Paulista de Educação Física, nº 2, pág 40 – 42, 1996.

GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (org.) O ensino dos jogos desportivos. 2ª edição. Porto: Universidade do Porto, 1995.

KUNZ, Elenor. Transformação didático pedagógica do esporte. Ijuí. Unijui, 1994.

LAGARES, Kléverson G. Futsal na escola: uma proposta de ensino aplicada numa escola da rede municipal de Campinas. Monografia. Faculdade de Educação Física UNICAMP – Campinas – SP. 2002.

MARQUES, Renato F. R. Sistematização do ensino dos esportes coletivos para crianças de 9 a 12 anos de idade: o caso do futsal. Monografia. Faculdade de Educação Física UNICAMP – Campinas – SP. 2001.

Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília. MEC/SEF, 1997.

OLIVEIRA, Vitor M. O Que é Educação Física? 7ª edição. Brasiliense, 1988.

PAES, Roberto R. Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Campinas, 2001.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. 34ª edição. Autores Associados. Campinas, 1991.

SEVERINO, Antonio J. Metodologia do trabalho científico. 16ª edição. Cortez: Autores Associados. São Paulo. 1990.

SOARES, Carmem L. Educação Física – Raízes Europeias e Brasil. Campinas. Autores Associados, 1994.

_____. Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. Revista Paulista de Educação Física, supl. 2, pág. 6 – 12, 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física. In: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE (orgs.) Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí, Sedigraf, 1997.

SITES NA INTERNET:

www.met.gov.br/esportenaescola - Projeto Federal Esporte na Escola. 2001.